

As resoluções de Simone de Beauvoir, aos 19 anos, para uma vida que vale a pena ser vivida

Caminhamos pelo mundo como se fôssemos inevitáveis — e, no entanto, somos o resíduo do acaso: quantas outras formas os átomos poderiam ter assumido entre o Big Bang e este corpo, quantas outras direções esta vida poderia ter tomado a cada mínima escolha que fizemos. Mas, embora seja o acaso quem distribui as cartas — o tempo e lugar em que nascemos, os pais e padrões culturais que nos moldam, os genes, os pigmentos, os neurotransmissores de que somos feitos —, é a forma como escolhemos jogar com essa mão que define quem somos.

Uma vida antes de olhar para trás e contemplar [como o acaso e a escolha convergem para nos tornar quem somos](#), a jovem [Simone de Beauvoir](#) (9 de janeiro de 1908 – 14 de abril de 1986) já começava a refletir sobre as escolhas à sua frente — criando a si mesma a partir da matéria bruta do que lhe foi dado: os horizontes limitantes de sua época e lugar, e a vastidão de sua própria mente. (“Ela pensa como um homem”, gabava-se seu pai — em um testemunho inquietante de ambos os tempos.)



Simone de Beauvoir

Aos dezessete anos, ela foi aprovada nos exames de bacharelado em matemática e filosofia e, em seguida, estudou matemática na Universidade Católica de Paris antes de passar para a Sorbonne para se formar em filosofia. Ela se tornaria apenas a oitava mulher a ser aprovada no *agrégation*- o exame mais rigoroso do sistema educacional francês - perdendo por pouco o primeiro lugar de sua turma para Sartre.

Foi na Sorbonne que, ainda na adolescência, ela começou a direcionar sua mente tensa e penetrante para o tipo de vida que queria viver e o tipo de pessoa que queria ser. Em seu diário daquela época, mais tarde publicado como o magnífico *Diário de uma estudante de filosofia* (*public library*), ela aborda essas questões com a oscilação entre a determinação e a dúvida inerente a qualquer grande empreendimento, pois não há ato criativo maior do que a criação de uma vida. Pontuando o diário, há lembretes comoventes de que mesmo as pessoas excepcionais não são poupadas das perturbações comuns do ser humano. De certa forma, ela é uma adolescente típica ("Meu inverno foi ocupado quase exclusivamente com amor e sofrimento.") e uma pessoa típica ("Faço resoluções intermináveis que nunca cumprio."), mas o que ela faz com todo esse sofrimento, toda essa inquietação, todo esse anseio é o que a torna - o que torna qualquer pessoa - extraordinária.

Ao se ver "incapaz de aceitar ou recusar a vida", ela olha para seu futuro próximo e distante:

Daqui a poucos meses farei vinte anos. Minha formação estará quase concluída. Terei aprendido, lido, visto tudo o que é essencial — e até mais. Terei vivido com minha inteligência e meu coração, conhecido um mundo relativamente vasto. Já terei até começado a pensar por conta própria; não haverá tempo desperdiçado. Mas então será necessário me dedicar ao trabalho. Se estou viva, preciso aceitar plenamente o jogo; preciso ter a vida mais bela possível. Não sei por que estou aqui, mas já que aqui permaneço, construirei um belo edifício.

Em seguida, ela pega os blocos de construção. Considerando seu sofrimento "inútil", ela resolve superá-lo e direcionar sua vida para "um trabalho escrito que diria tudo, que analisaria as almas em detalhes minuciosos enquanto daria vida a cada corpo". Ciente de que esse sonho exigiria dela devoção absoluta e disciplina absoluta, ela estabelece uma série de instruções para si mesma:

Assumir riscos... Me forçar a pensar por duas páginas por dia... Não me dispersar... Não ter pressa, mas trabalhar duas horas por dia, com ou sem genialidade, mesmo que eu ache que não vai dar em nada — e confiar em alguém que me critique e me leve a sério.

[...]

Preciso... esclarecer meu desejo e avançar por tentativa e erro, para preparar o que um dia poderá ser uma grande obra escrita... Analisar, compreender e descer mais fundo em mim mesma... É imperativo começar. As questões que me interessam precisam ser estudadas com profundidade... Seria necessário... articulá-las com os problemas da

personalidade que o amor formula de maneira tão precisa — o problema do ato de fé, que toca tão de perto os dois primeiros problemas... Seria preciso ter a coragem de escrever, não para expor ideias, mas para descobri-las; não para revesti-las artisticamente, mas para animá-las. A coragem de acreditar nelas.

Como nunca pode haver uma grande conquista sem um grande desespero, porque exigir tudo e mais de si mesmo está sempre associado à dúvida de que talvez você não tenha o que dar, o pêndulo continua oscilando entre a determinação e o desespero. Logo após decidir dedicar suas férias de verão a explorar "o tema do amor" como um problema filosófico em "pelo menos trinta páginas condensadas e coerentes", ela despenca novamente:

Que vazio, que tédio! Me agarro a alguns rostos simpáticos, mas o rosto amado demais sorri para mim com tristeza. Para qual travessia indefinida me lancei neste ponto exato do tempo e do espaço, como se estivesse no meio de um imenso mar? Uma travessia cujo objetivo é desconhecido.

Primeiro, ela usa a alavanca de seu formidável intelecto para levantar a pesada emoção:

Não tenho o direito de me desesperar. Se o desespero fosse justificado... ele exigiria ser demonstrado - dizer "nada vale a pena" e ficar sentado de braços cruzados, ter a certeza de que nenhuma certeza é possível; isso ainda é dogmatismo... Eu também estou formulando um postulado: é preciso primeiro buscar o que é, depois verei se ainda preciso me desesperar.

Mas nunca se pode raciocinar a saída de um estado emocional poderoso — ele precisa simplesmente ser sentido, sofrido, suportado, ["pelo que possa conter de iluminação, se for possível atravessá-lo"](#). Todo desespero diante da vida é, no fundo, desespero de si mesmo — algo que Beauvoir expressa com a intensidade exacerbada da adolescência e a censura implacável da ambição:

Examinei minha consciência, e eis o que encontrei: orgulhosa, egoísta e pouco virtuosa... Muitas vezes sinto repulsa de mim mesma... Me fechei na minha torre de marfim, dizendo: "Quem é digno de entrar aqui?" Às vezes abria a porta — e só isso —, mas há pessoas profundamente melhores do que eu, e essa atitude altiva é uma estupidez. Egoísta — amo os outros apenas na medida em que são extensões de mim; desprezo com facilidade e, ao desprezar, deixo de

tentar dar o meu melhor... Como julgo com severidade — e com que direito?

Num lampejo momentâneo de autocompaixão — logo ofuscado pela mesma ferocidade autocrítica — ela escreve:

Devo sofrer com delicadeza. Sou dura, dura e orgulhosa. Torna-te consciente da tua própria pobreza, menina, e de toda a tua covardia!... Cobri minha covardia com sofismas — oh!

Ela reflete sobre os passos necessários rumo à coragem de criar — seja uma grande obra, seja uma grande vida:

Sistematizar meus pensamentos e acreditar no valor do pensamento. Ler... Aprofundar. Levar tudo isso a sério. Ser mais implacável comigo mesma e menos cética em relação aos outros... Parar apenas diante da evidência. Escrever conclusões apenas quando estiverem amadurecidas... E, acima de tudo: pensar por mim mesma.

E, no entanto, ela encontra a chave para uma vida plena não apenas na mente, mas na amplidão, na inteireza, na abertura desavergonhada do coração:

A vida é tão bela enquanto estou criando-a! Tão dolorosa quando é algo dado que precisa ser suportado. Viver, agir, ser de todo o coração!

Meio século depois — tendo confirmado esses postulados com a própria vida, e tendo escrito não apenas uma grande obra, mas várias — ela [abordaria a arte de envelhecer](#) com a mesma profundidade de pensamento e sentimento.

Complemento com seu contemporâneo Albert Camus sobre [os três antídotos para o absurdo da vida](#) e a [receita atemporal de Walt Whitman para uma vida vibrante e gratificante](#), em seguida, revise este conjunto de [resoluções para uma vida que vale a pena ser vivida](#) emprestadas de algumas vidas extraordinárias.